

Fazenda cobra pedágio indexado a óleo diesel

A porteira da fazenda tornou-se uma boa fonte de renda para o proprietário da Fazenda Zé Luís, pois tudo no garimpo é movido a óleo

João Luiz Medeiros



O resultado da ação dos milhares de garimpeiros que "descobriram" Sararé é visto na dimensão da área trabalhada

LÍNGUA DO OURO

* **Bamburrado:** Garimpeiro que acha boa quantidade de ouro; rico. Também se usa "brindado".

* **Blefado:** Garimpeiro que perdeu tudo o que ganhou ou quenão consegue achar ouro.

* **Brabo:** Garimpeiro novato.

* **Cortar gíria:** Quando alguém, geralmente estranho ao garimpo, começa a corrigir a pronúncia dos garimpeiros.

* **Cumpadi:** Índio.

* **Curutela:** futura cidade, concentração de comércio no garimpo.

* **Fofoca:** local onde se concentram garimpeiros e casas de comércio. Ponto de muito movimento no garimpo.

* **Fusão:** barraco pequeno de lona preta.

* **Juquirá:** Lavoura.

* **Jerico ou Jericão:** Trator.

* **Manso:** Garimpeiro experiente.

* **Pedaceira:** Ouro ("Fulano está sentado na pedaceira").

* **Rua:** cidade.

* **Varar:** Atravessar a pé grandes distâncias no meio do mato.

RUBENS VALENTE
Do Enviado Especial

Um pedágio na porteira da "Fazenda Zé Luís", que dá acesso aos garimpos, é mais um número na matemática de gastos e lucros dos garimpeiros do enorme negócio em que se transformou a terra dos nhambiquaras. Para cada tambor de 20 litros de óleo diesel, os funcionários da porteira (que trabalham 24 horas, em revezamento) cobram R\$ 15.

O tambor, adquirido por R\$ 70 nos postos de gasolina de Pontes e Lacerda, acaba saindo por R\$ 85 — ainda assim em conta, já que os donos de "revenda" pedem R\$ 125 pelo tambor dentro do garimpo. O motorista de frete ou taxista também deve pagar R\$ 5 por cada vez que atravessar a porteira — condição necessária para se chegar aos garimpos "Curimã" e "Ferrugem I, II, III e IV".

A porteira transformou-se numa fonte de renda nada desprezível. Considerando que 100 tambores de óleo passem todos os dias pelo local (número tido pelos garimpeiros como muito abaixo do real), o dono da porteira fatura R\$ 1,5 mil ao dia, ou R\$ 45 mil por 30 dias de funcionamento dos garimpos. O DIÁRIO não conseguiu localizar o dono da fazenda para falar sobre o assunto.

Fora gastos com pessoal, o óleo é a principal despesa para se movimentar o garimpo. Uma draga de quatro polegadas (que é a medida da mangueira) consome 200 litros por semana e uma de cinco polegadas, de 400 a 500 litros. Os geradores de energia elétrica usados na "curutela" do "Ferrugem IV" e nas casas de comércio em diferentes pontos da reserva também funcio-

nam a óleo. Os mais comuns, de 4 KVA — suficientes para atender a três barracos — consomem 15 litros de combustível ao dia.

A água usada no trabalho das dragas na reserva Sararé, com uma ou outra exceção, é da chuva.

Para acumulá-la, é feita uma valeta no chão perto do local da extração. O motor estacionário puxa a água pela mangueira e o "peão" dirige o jato para a terra, espalhando-a, no serviço chamado "debreio".

O passo seguinte é puxar a massa de areia, cascalho e água por outra mangueira, que vai jogar todo o material numa caixa coletora. Na ponta da caixa, é pregado um pedaço de carpete. Por ser mais pesado, o ouro desce e fica agarrado no carpete. Depois, o garimpeiro retira o minério acumulado, para derretê-lo com mercúrio e separá-lo das impurezas. A partilha da produção é feita no próprio local de trabalho.

Pela regra do garimpo, 30% da produção de ouro é dividida entre os quatro trabalhadores da frente, ficando 7,5% para cada. Comida e alojamento não são cobrados. Os 70% restantes ficam para o proprietário da draga, que geralmente gasta até 40% só com as despesas de manutenção, incluindo óleo, reparos e alimentação para os funcionários. Em média, os "peões", postos mais baixos nos garimpos, têm ganhado R\$ 80 semanais em Sararé.

O preço do ouro nas casas de compra e venda em Pontes e Lacerda variam de acordo com o grau de pureza. Os de 96% — achados no garimpo "Tio Chico", por exemplo — valem R\$ 11,40 a grama. Já no "Ferrugem IV" há mais ouro, mas o teor é menor, de 95%.



LUX JORNAL

DIÁRIO DE CUIABA
CUIABA — MT

PUBLICADO EM:
01 DEZ 1996

Fonte: *Diário de Cuiabá*
Data: *1/12/96* Pg. *137*
Class. *137*

Dragas atravessam o país até Sararé

Do Enviado Especial

O anúncio de uma operação para retirada dos garimpeiros e madeireiros da reserva Sararé não é suficiente para evitar a chegada de novas dragas, todos os dias, a diferentes partes da reserva.

A cada dia chegam cerca de cinco novos equipamentos somente no garimpo "Ferrugem IV", segundo estimativa dos próprios garimpeiros do acampamento. Outras áreas, como a do "Tio Chico", também recebem novos "dragueiros" todos os dias, vindos das mais diferentes partes do país.

O DIÁRIO DE CUIABÁ acompanhou na tarde de quarta-feira a chegada ao "Tio Chico" do dono de draga Edmar Frai da Silva, de 38 anos, que veio de Alvorada, em Rondônia, trazendo o equipamento na carroceria de um caminhão Mercedes Benz ano 57. Ele mexe com garimpo desde 82 e estava entre os garimpeiros retirados da reserva anomã entre 90 e 92.

Frai é o arquétipo do garimpeiro: ficou rico da noite para o dia e da mesma forma perdeu tudo. Entre 87 e 88, chegou a ter avião, três carros e uma fazenda de 534 hectares. De lá pra cá, não largou a febre do garimpo, investindo em diferentes partes do país, mas nunca com a mesma sorte.

Agora, Frai ficou apenas com a draga. Recrutou quatro homens em Pontes e Lacerda para trabalhar na extração em "Tio Chico" e trouxe a draga para Sararé sem ser importunado por qualquer barreira da Funai. Iba-ma ou Polícia Federal. Comprou vários mantimentos no comércio de Pontes e Lacerda com 15 dias de prazo para pagar. Se não sair ouro de Sararé, vai vender a draga (que vale R\$ 4 mil em média na região) e voltar de mãos abanando para Rondônia.

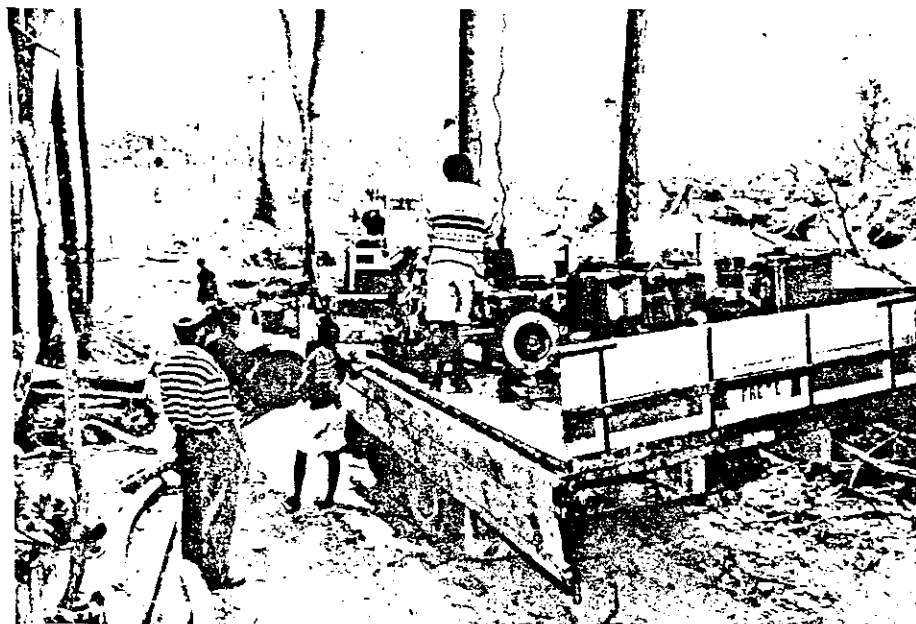
A retirada dos equipamentos do caminhão é um fardo para os garimpeiros, que têm que tirar no braço os motores de até 240 quilos, empurrando-os sobre roletes de madeira. No caminho inverso, do grotão para uma me-

cânica, por exemplo, seis garimpeiros, segurando duas varas, levantam o motor até os ombros.

Outro trabalhador novo em "Tio Chico" é Elias Pereira de Carvalho, de 22 anos, solteiro e com apenas a 2ª série do primário. Ele está animado com a nova frente na Sararé. "Em 10 dias, levei 18 gramas", conta Carvalho, que já viu tiroteio, mortes e pegou todos os tipos de malária em diferentes garimpos do país. Ele trabalha agora numa das mais de 20 frentes do "Tio Chico".

Carvalho nasceu no Paraná mas vive também mergulhado na crise de Peixoto de Azevedo, onde passou a trabalhar na "juquirá", na roça, onde ganhava R\$ 7 por dia para fazer cercas de arame liso. Apesar do salário que ele considera razoável, decidiu voltar aos garimpos. "Aqui, tendo sorte, consegue mudar a vida". (RV)

Leia na edição de amanhã como a "redescoberta" de Sararé pelos garimpeiros vem influenciando a vida em Pontes e Lacerda, cidade vizinha.



Mais uma draga, esta vinda de Rondônia em cima de um Mercedes Benz 57, chega à reserva dos índios Nhambiquaras

LUX JORNAL

DIÁRIO DE CUIABÁ
CUIABÁ—MT

PUBLICADO EM:
01 DEZ 1996

INSTITUTO	Documentação
Fonte	Arquivo de Cuiabá
Data	11/02/96 Pg. 001
Class.	

137

4